

VIVER E MORRER NA PESTE

EPIDEMIA NA HISTÓRIA

Fábio Vergara Cerqueira
Gunter Axt
Renata Brauner Ferreira
(Orgs.)

VIVER E MORRER NA PESTE EPIDEMIA NA HISTÓRIA

FÁBIO VERGARA CERQUEIRA
GUNTER AXT
RENATA BRAUNER FERREIRA
(Orgs.)



Filiada à A.B.E.U.

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3284 1684
editora.ufpel@gmail.com

Chefia

Ana da Rosa Bandeira
Editora-Chefe

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane
Administrativo

Seção de Produção

Suelen Aires Böettge
Administrativo
Anelise Heidrich
Revisão

Angélica Knuth (Estagiária)
Design Editorial

Seção de Pós-Produção

Morgana Riva
Assessoria
Madelon Schimmelpfennig Lopes
Eliana Peter Braz
Administrativo

Revisão Técnica

Ana da Rosa Bandeira

Revisão Ortográfica

Anelise Heidrich

Revisão de linguagem técnica

Consultora para terminologia
médica e biológica
Christine Janczur

Projeto Gráfico & Capa

Angélica Knuth

Imagem da Capa

Juan Manuel Blanes. *Un episodio de la fiebre amarilla en Buenos Aires* (1871). Montevideo, Museo Nacional de Artes Visuales.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação
Elaborada por Leda Lopes CRB: 10/2064

E64 Epidemia na história [recurso eletrônico] / organizadores Fábio Vergara Cerqueira, Gunter Axt, Renata Brauner Ferreira. - Pelotas : Ed. UFPel, 2021.
454 p. : il. - (Viver e Morrer na Peste; v. 01)

Coordenador da coleção: Fábio Vergara Cerqueira.
E-book (PDF) : 110 MB
ISBN: 978-65-86440-59-1

1. História. 2. Epidemias. 3. Sociedade. 4. Civilizações. 5. Covid-19. I. Cerqueira, Fábio Vergara, org. II. Axt, Gunter, org. III. Ferreira, Renata Brauner, org. IV. Título.

CDD: 904

SUMÁRIO

10

VIVER E MORRER NA PESTE. APRESENTAÇÃO À TRILOGIA
FÁBIO VERGARA CERQUEIRA

16

PREFÁCIO
PEDRO C. HALLAL

17

PRÓLOGO. A EPIDEMIA NA HISTÓRIA
PEDRO PAULO ABREU FUNARI

24

**INTRODUÇÃO. EPIDEMIAS NO CURSO DA HISTÓRIA:
SOBRE O VIVER ANTES, DURANTE E DEPOIS DAS PESTES**
FÁBIO VERGARA CERQUEIRA, GUNTER AXT E RENATA BRAUNER FERREIRA

33

**01. EPIDEMIA NO PRINCÍPIO DA HISTÓRIA:
ISOLAMENTO SOCIAL NA MESOPOTÂMIA**
KATIA MARIA PAIM POZZER

49

**02. UMA PESTE ANUAL QUE VEM APÓS A INUNDAÇÃO:
A MALÁRIA NO EGITO ANTIGO**
MOACIR ELIAS SANTOS

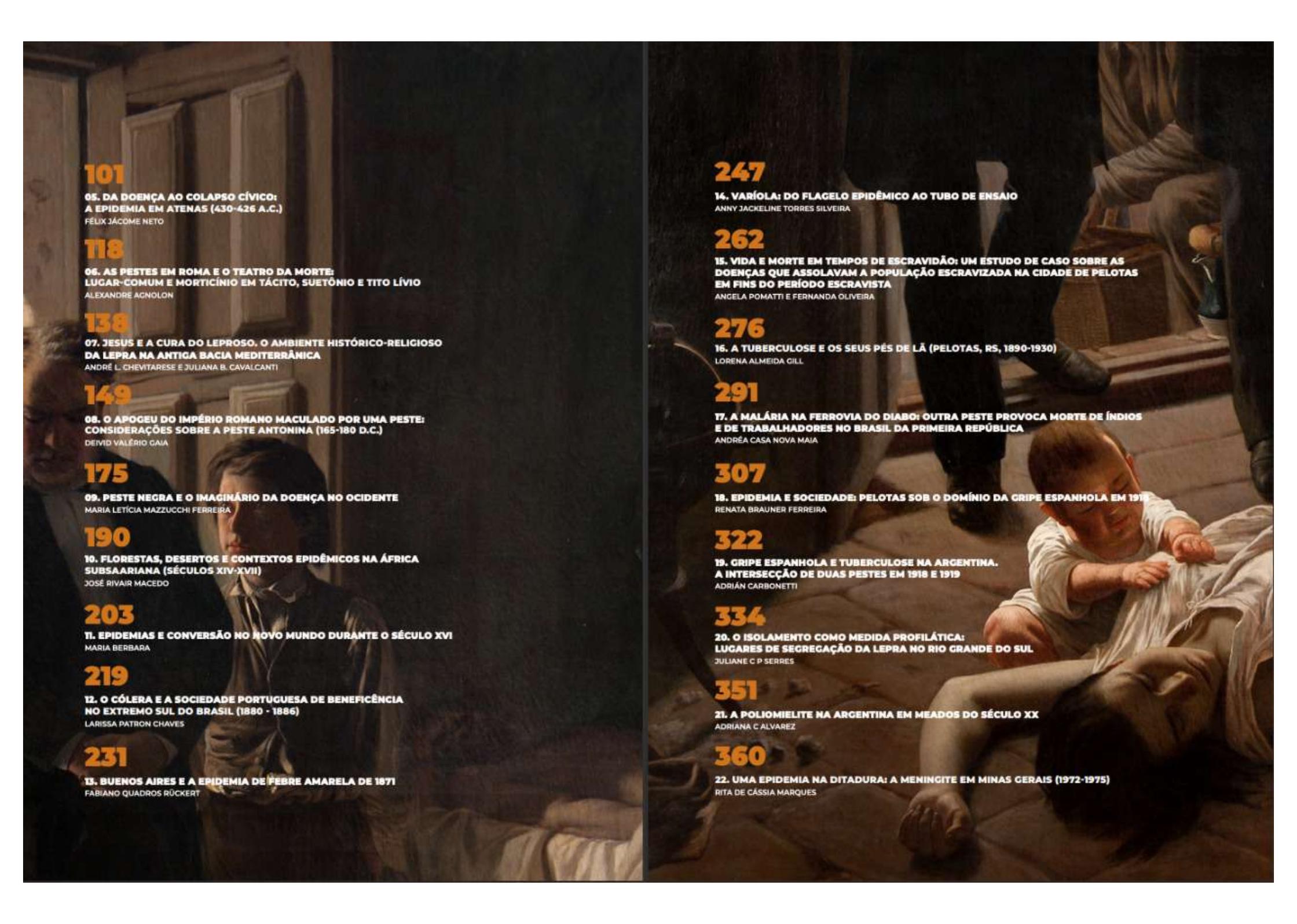
69

**03. DOENÇAS E EPIDEMIAS NA CHINA ANTIGA:
O MEDJING E UMA HISTÓRIA MILENAR DE APRENDIZADO MÉDICO**
ANDRÉ BUENO

85

04. A PESTE NOS MITOS GREGOS: CASTIGO DIVINO E AÇÃO HUMANA
ARTUR COSTRINO





101

**05. DA DOENÇA AO COLAPSO CÍVICO:
A EPIDEMIA EM ATENAS (430-426 A.C.)**

FÉLIX JÁCOME NETO

118

**06. AS PESTES EM ROMA E O TEATRO DA MORTE:
LUGAR-COMUM E MORTICÍNIO EM TÁCITO, SUETÓNIO E TITO LÍVIO**

ALEXANDRE AGNOLON

138

**07. JESUS E A CURA DO LEPROSO. O AMBIENTE HISTÓRICO-RELIGIOSO
DA LEPRO NA ANTIGA BACIA MEDITERRÂNICA**

ANDRÉ L. CHEVITARESE E JULIANA B. CAVALCANTI

149

**08. O APOGEU DO IMPÉRIO ROMANO MACULADO POR UMA PESTE:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESTE ANTONINA (165-180 D.C.)**

DEIVID VALÉRIO GAIA

175

09. PESTE NEGRA E O IMAGINÁRIO DA DOENÇA NO OCIDENTE

MARIA LETÍCIA MAZZUCCHI FERREIRA

190

**10. FLORESTAS, DESERTOS E CONTEXTOS EPIDÊMICOS NA ÁFRICA
SUBSAARIANA (SÉCULOS XIV-XVII)**

JOSÉ RIVAIR MACEDO

203

11. EPIDEMIAS E CONVERSÃO NO NOVO MUNDO DURANTE O SÉCULO XVI

MARIA BERBARA

219

**12. O CÓLERA E A SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA
NO EXTREMO SUL DO BRASIL (1880 - 1886)**

LARISSA PATRON CHAVES

231

13. BUENOS AIRES E A EPIDEMIA DE FEBRE AMARELA DE 1871

FABIANO QUADROS RÜCKERT

247

14. VARÍOLA: DO FLAGELO EPIDÊMICO AO TUBO DE ENSAIO

ANNY JACKELINE TORRES SILVEIRA

262

**15. VIDA E MORTE EM TEMPOS DE ESCRAVIDÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS
DOENÇAS QUE ASSOLAVAM A POPULAÇÃO ESCRAVIZADA NA CIDADE DE PELOTAS
EM FINS DO PERÍODO ESCRAVISTA**

ANGELA POMATTI E FERNANDA OLIVEIRA

276

16. A TUBERCULOSE E OS SEUS PÉS DE LÃ (PELOTAS, RS, 1890-1930)

LORENA ALMEIDA GILL

291

**17. A MALÁRIA NA FERROVIA DO DIABO: OUTRA PESTE PROVOCA MORTE DE ÍNDIOS
E DE TRABALHADORES NO BRASIL DA PRIMEIRA REPÚBLICA**

ANDRÉA CASA NOVA MAIA

307

18. EPIDEMIA E SOCIEDADE: PELOTAS SOB O DOMÍNIO DA GRIPE ESPANHOLA EM 1918

RENATA BRAUNER FERREIRA

322

**19. GRIPE ESPANHOLA E TUBERCULOSE NA ARGENTINA.
A INTERSECÇÃO DE DUAS PESTES EM 1918 E 1919**

ADRIÁN CARBONETTI

334

**20. O ISOLAMENTO COMO MEDIDA PROFILÁTICA:
LUGARES DE SECREGAÇÃO DA LEPRO NO RIO GRANDE DO SUL**

JULIANE C P SERRES

351

21. A POLIOMIELITE NA ARGENTINA EM MEADOS DO SÉCULO XX

ADRIANA C ALVAREZ

360

22. UMA EPIDEMIA NA DITADURA: A MENINGITE EM MINAS GERAIS (1972-1975)

RITA DE CÁSSIA MARQUES



382

23. UMA EPIDEMIA E UM MOVIMENTO SOCIAL CHAMADO SOLIDARIEDADE AIDS

KAREN BRUCK

394

24. VIVENDO A PESTE GAY NA PORTO ALEGRE DOS ANOS 90

FERNANDO SEFFNER

411

25. COMPANHEIRAS MORTÍFERAS: AS EPIDEMIAS E AS GUERRAS CONTEMPORÂNEAS

CARLOS ROBERTO CARVALHO DARÓZ

423

26. DOS MIASMAS AO VÍRUS: O CONHECIMENTO SOBRE AS EPIDEMIAS AO LONGO DA HISTÓRIA

LILIAN AL-CHUEYR PEREIRA MARTINS E MARIA ELICE DE BRZEZINSKI PRESTES

441

SOBRE AS AUTORAS E AUTORES

07

JESUS E A CURA DO LEPROSO O AMBIENTE HISTÓRICO-RELIGIOSO DA LEPRA NA ANTIGA BACIA MEDITERRÂNICA

ANDRÉ L. CHEVITARESE

PPGHC – UFRJ
PPGARQ/MN – UFRJ
andrechevitarese@yahoo.com.br

JULIANA B. CAVALCANTI

PPGHC - UFRJ
julianajubcmt@yahoo.com.br

QUESTÕES INICIAIS: EPIDEMIAS ONTEM E HOJE

Na fase de produção desse artigo o Brasil registou cerca de 162.699 casos confirmados de pessoas com Covid-19 e mais de 10.000 mortos, o que coloca o Brasil em sexto lugar em número de óbitos no mundo. Esses dados têm causado, em todos os países afetados pelo vírus, um profundo debate quanto ao que será de nossa sociedade pós-pandemia e quais seriam as melhores formas de se manter em isolamento social, único meio sinalizado como controle da propagação da Covid-19. Esse período tem provocado reações distintas dos mais variados setores sociais: religiosos, cientistas sociais, profissionais da educação física, entre outros que têm sido buscados para dar respostas sobre como continuar a vida ou mesmo como se livrar da doença.

Essa fase também tem remetido diferentes esferas da população mundial a fazer as seguintes perguntas: haveria paralelos na História para o episódio atual? Em outros momentos o isolamento social foi adotado como medida de combate a epidemias? O quão eficiente, enquanto prática preventiva, se demonstrou o isolamento social?

Religiosos cristãos, independentemente da denominação, têm reagido de diferentes formas. Porém, ao correremos os olhos em vários discursos produzidos por eles três ideias sobressaem tanto daqueles que inicialmente se demonstram contra, quanto os que sempre foram favoráveis ao isolamento social: (i) o fiel não deve temer a Covid-19 e as razões para isso variam desde uma concepção de castigo divino à certeza de que o amor e misericórdia de Jesus são os elementos necessários para o combate ao sofrimento, à dor e à morte¹; (ii) o afloramento do vírus estaria ligado à ação de Satanás ou do pecado, sendo chamada inclusive de “pandemia maligna”²; e (iii) o comportamento de Jesus frente a personagens como o samaritano e o leproso como um modelo de conduta a ser seguido pelos cristãos. O que significa dizer que a quarentena representa um momento de reflexão para a não discriminação de grupos “vulneráveis da sociedade”, bem como de oração³.

Esses dados são interessantíssimos quando lemos o texto produzido pela Igreja Evangélica Águas Santas e publicado em seu website⁴:

Com fé crendo que Deus pode proteger-nos deste vírus? Contudo, colocar-se em perigo de maneira negligente, não será desafiar a Deus? Podemos aprender com exemplos bíblicos, pois parece que vivemos desafios e tempos similares, nessa altura a lepra afetou a Humanidade durante milhares de anos, bem como, outras grandes epidemias surgiram ao longo da história. Bactérias, vírus e outros microrganismos já causaram estragos tão grandes quanto as mais terríveis guerras, terremotos e erupções de vulcões. Peste negra, cólera, tuberculose, varíola, tifo, febre amarela, sarampo, bem como a malária e a AIDS. “Atenção que isso não vos perturbe, porque é preciso que isso aconteça. Mas ainda não será o fim. Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino, e haverá fome, peste e grandes desgraças em diversos lugares”. *Mateus 24:6,7*. Claro que a nossa fé em Jesus e Ele tem poder e curou leprosos e disse “pegarão em serpentes, e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados”. *Marcos 16:18*. Havia também muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o sírio.

O fragmento acima nos revela como eventos e personagens são empregados como filtros de leitura por religiosos para se compreender e aceitar a pandemia como um processo “natural” que “afetou a Humanidade durante milhares de anos”, pois todos eles estariam previstos em passagens bíblicas. Nesse aspecto, guerras e tetos são colocados no mesmo universo das pandemias, sendo apontada a lepra como um exemplo marcante nas literaturas do Novo e do Antigo Testamentos.

Nesse sentido, nos interessa aqui tecer alguns apontamentos sobre esses filtros de leitura empregados por religiosos, em especial sobre a lepra. Para isso tomaremos como base o texto produzido pela Igreja Evangélica Águas Santas. A ideia com isso

será problematizar a relação entre epidemias e o cristianismo primitivo e os usos do passado feitos por cristãos no contexto da Covid-19.

A LEPROSA COMO EPIDEMIA? O CASO DA CURA DO LEPROSO POR JESUS E O SEU AMBIENTE HISTÓRICO-RELIGIOSO

De imediato, somos levados à seguinte indagação: poderia a lepra ser considerada uma epidemia? O que caracteriza uma epidemia?

Etimologicamente a palavra epidemia deriva da junção das expressões gregas *ept* (sobre ou acima de) e *dem* (povo). Segundo o *Dicionário Online de Português*, ela pode ser empregada para: (i) se referir a um aumento fora do comum do número de pessoas contaminadas por uma doença em determinada localidade e/ou região; e (ii) a uma doença infecciosa e contagiosa que se propaga com rapidez sobre muitas pessoas, numa determinada região.

A nomenclatura lepra também vem do grego e é derivada de *lepis*, que significa “escama”. Ela era amplamente conhecida no Mundo Antigo e, aparentemente, empregada de forma genérica para todo tipo de doença de pele (como vemos em *Levítico* 13).

Era de ampla aceitação a ideia de que essa doença poderia ser transmitida por “contato” e desenvolveu-se certas práticas para proteger a saúde da comunidade contra os perigos da lepra. A principal delas era a quarentena como medida de tratamento e meio de evitar a sua propagação⁵. As divergências estavam quanto à origem da lepra. Os antigos gregos adotaram a teoria de que a lepra e outras epidemias eram causadas pela poluição do ar, o *miasma*. O sentido básico desse termo é o de “corrupção”, sendo usual a associação com a ideia de “sujeira” e a contágios poluidores de caráter religioso. O perigo religioso representado no *miasma* era algo comum na Grécia e que gerava de certo modo uma punição severa ao culpado: o exílio ou a morte, a fim de evitar que o mal se espalhasse na comunidade ou ainda para evitar a ira dos deuses⁶. Além disso, Hipócrates sustentou que quando o ar perdia sua composição normal, gerava-se uma substância putrificada e ao ser inalada representa um risco de doença para todos.

Para os judeus, a lepra estava associada à impureza, como foram os casos do rei Ozias (*II Crônicas* 26:19-21) e Miriã (*Números* 12:11). Os enfermos tinham suas roupas queimadas, eram interditados de entrarem em suas casas e passavam por isolamento social, cabendo ao sacerdote afirmar se o indivíduo havia conseguido ficar curado ou não. Após passar pelo exame ainda era necessário o ritual de purificação. Todas essas ações e outras contra a lepra foram descritas em *Levítico* 13-14.

Isso nos leva a considerar a lepra como uma epidemia, frente ao impacto social e à memória coletiva que ela provocou, principalmente pelas medidas preventivas que são comuns.

Exposto isso, voltemo-nos ao exemplo dado pela Igreja Evangélica Águas Santas:

Claro que a nossa fé em Jesus e Ele tem poder e curou leprosos e disse “pão em serpentes, e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados” *Marcos 16:18*. Havia também muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o sírio.

Esse trecho da pregação merece especial atenção, pois através de um exercício de harmonização a referida igreja ressaltou: (a) o episódio da cura do leproso; (b) a capacidade de cura de Jesus pelo contato e a transmissão desse poder; e (c) a purificação não era para todos.

Quanto ao primeiro aspecto, encontramos nos Evangelhos sinóticos ao menos dois claros exemplos de Jesus com leprosos: (i) *Lucas 17:11-19* e (ii) *Marcos 1:40-45*, com paralelos em *Mateus 8:1-4* e *Lucas 5:12-16*.

O primeiro se trata da cura dos dez leprosos e aparentemente funciona como material independente de Lucas. Alguns autores, como Jonathan Knight⁷, sinalizam que essa história é uma excelente amostra do uso da repetição no método narrativo lucano, pois ela relembra várias histórias de cura anteriores para reforçar a importância da fé na realização do milagre.

Além disso, o episódio dos leprosos é incomum, pois o público básico é to. Jesus dirige-se primeiro aos dez (*Lucas 17:14*), depois aos ouvintes não especificados (*Lucas 17:17-18*) e, finalmente, ao leproso agradecido (*Lucas 17:19*). Internamente, a perícopa é pertinente a vários públicos diferentes e isso abre espaço para a seguinte pergunta: seria *Lucas 17:11-19* uma releitura da cura do leproso comum aos três Evangelhos sinóticos ou ela traria consigo uma memória específica e independente da comunidade de Lucas?

David Orton⁸ sugeriu que a passagem seria mesmo um material independente de Lucas, mas numa tentativa de retomar de forma parcial a *II Reis 5:1-14*. Esse dado ainda focaria no público alvo do referido Evangelho: “os tementes a Deus”, por frisar que o único que retornou foi um estrangeiro. Isso nos parece ser um argumento bastante plausível, pois explicaria o fato de o relato estar apenas em Lucas, além da menção ao papel do sacerdote, à concepção de impureza (expresso em *Levítico 13-14*) e ao retrato de Jesus como um poderoso curandeiro.

Nesse sentido, para uma melhor compreensão do ambiente de composição de *Lucas 17:11-19*, nos parece relevante nos voltarmos para o segundo exemplo em que

Jesus encontra um leproso, sendo essa memória sobre Jesus amplamente difundida pelos sinóticos. Para isso, vamos olhar atentamente essas narrativas a partir do quadro abaixo:

MARCOS 1: 40-45:	MATEUS 8: 1-4:	LUCAS 5: 12-16:
Um leproso foi até ele, implorando-lhe de joelhos: “Se queres, tens o poder de purificar-me”. Irado, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: “Eu quero, sê purificado”. E logo a lepra o deixou. E ficou purificado. Advertindo-o severamente, de pediu-o logo, dizendo-lhe: “Não digas nada a ninguém; mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece por tua purificação o que Moisés prescreveu, para que lhes sirva de prova”. Ele, porém, assim que partiu, começou a proclamar ainda mais e a divulgar a notícia, de modo que Jesus já não podia entrar publicamente numa cidade: permanecia fora em lugares desertos. E de toda parte vinham procurá-lo.	Ao descer da montanha, seguiam-no multidões numerosas, quando de repente um leproso se aproximou e se prostrou diante dele, dizendo: “Senhor, se queres, tens o poder para purificar-me”. Ele estendeu a mão e tocando-o, disse: “Eu quero, sê purificado! E imediatamente ficou livre da lepra. Jesus disse-lhe: “Cuidado, não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e apresenta a oferta prescrita por Moisés, para que lhes sirva de prova”.	Estava ele numa cidade, quando apareceu um homem cheio de lepra. Vendo Jesus, caiu com o rosto por terra e suplicou-lhe: “Senhor, se queres, tens o poder de purificar-me”. Ele estendeu a mão e, tocando-o, disse: “Eu quero. Sê purificado!” E imediatamente a lepra o deixou. E ordenou-lhe que a ninguém o dissesse: “Vai, porém, mostrar-te ao sacerdote e oferece por tua purificação conforme prescreveu Moisés, para que lhes sirva de prova”. A notícia a seu respeito, porém difundia-se cada vez mais, e acorriam numerosas multidões para ouvi-lo e serem curadas de suas enfermidades. Ele, porém, permanecia retirado em lugares desertos e orava.

QUADRO
A CURA DO LEPROSO NOS SINÓTICOS.

Ao lermos atentamente cada narrativa podemos afirmar que:

(A) A DESCRIÇÃO DA GEOGRAFIA DO MILAGRE

Apenas Mateus e Lucas se preocupam em dizer onde estava Jesus: Mateus conta-o junto a uma montanha; e Lucas diz que o senhor estava numa cidade, tal como em *Lucas 17:12*, onde Jesus se encontrava numa aldeia. Na narrativa mateana, parece ecoar um certo lugar distante, reforçando assim a ideia de isolamento social do leproso, tal como previsto em *Levítico 13:46*: “enquanto durar a sua enfermidade, ficará impuro e, estando impuro, morará à parte: sua habitação será fora do acampamento”.

(B) EM TODAS AS NARRATIVAS JESUS TEM CONTATO FÍSICO COM O LEPROSO

Para um leitor/ouvinte atento isso pode gerar certo estranhamento, pois como vimos era de ampla a aceitação na Bacia antiga mediterrânica que a lepra poderia ser transmitida via contato. Contudo, a ação de Jesus nos remete a uma tradição profética

veterotestamentária de Elias e Eliseu, que era fruto de um arranjo composto de profecia política oracular e magia individual popular, isto é:

A saga de Elias e Eliseu estabelece de profecia no norte diferente daquela que havia no sul, que era bem mais conhecida. Não se trata apenas do fato de eles serem profetas de ação, e não só de palavras. O mais importante é que seus atos, além de operarem a nível nacional e internacional – ou comunitário e coletivo – também funcionam a nível privado, pessoal e individual. Além disso, eles curam tanto os ricos quanto os pobres. Acima de tudo, Elias e Eliseu misturam a magia e a profecia e, enquanto magos profetas ou profetas magos, desenvolvem e ampliam uma combinação que já existia no modelo mosaico inicial⁹.

Esse paralelo com Elias e Eliseu fica ainda mais latente quando relembramos que dos setenta e dois relatos de exorcismos e curas realizadas existentes nos quatro Evangelhos canônicos e operados por Jesus, apenas dez deles se referem a multidões de testemunhas, uma indicação do entendimento de que o ministério de Jesus poderia incluir ou não atos públicos de exorcismo e cura altamente visíveis. O que talvez explique o fato de apenas Mateus ter mencionado a presença de “multidões numerosas”.

(C) JESUS PROÍBE DE QUE O LEPROSO CONTASSE A ALGUÉM SOBRE O MILAGRE, MAS O HOMEM NÃO CUMPRE

Isso é extremamente pertinente para Marcos e Lucas que vinculam esse dado com o fato de Jesus não conseguir entrar na cidade, permanecendo “em lugares sertos” e nesses ambientes pessoas o buscavam. Contudo, somos provocados a fazer a seguinte pergunta: será que Jesus realmente deixou de entrar nas cidades por causa da propagação da cura pelo leproso ou por que ao tocá-lo Jesus ficou impuro?

Em *Números* 19:11-16 verificamos uma série de objetos ou situações classificadas como impuras. O contato com esses elementos pode tornar uma pessoa automaticamente impura. Em todas as situações descritas em *Números*, Jesus pode ser encaixado. O que nos permite afirmar que Jesus em toda a sua atividade missionária esteve envolvido em situações que o colocaram como impuro. Tanto *Números* 19:13 quanto *Levítico* 13:46 são bastante enfáticos em afirmar que o impuro deve ficar proibido de entrar no acampamento ou em Israel. Vimos também que a prática de segregação também era aplicada em ambiente grego, o que poderia levar à seguinte indagação dos ouvintes/leitores após tomarem conhecimento desse relato: como podemos ter um messias impuro? Essa delicada ideia talvez nos ajude a compreender por qual razão há tantas variantes textuais no aparato crítico das versões em grego dessas passagens.

(D) O RECONHECIMENTO DO PAPEL SOCIAL E RELIGIOSO DO SACERDOTE NO PROCESSO DE PURIFICAÇÃO DO CURADO E QUE EVOCA LEVÍTICO 14

Esse dado é bastante interessante, pois demonstra a tensão existente entre magos profetas e sacerdotes. A razão desse embate estava no fato do Templo, por meio dos sacerdotes, ser considerado o lugar convencionado como oficial para operação do perdão dos pecados, realização de curas e outros atos miraculosos.

No entanto, por intermédio de textos e cultura material percebemos que a tradição dos magos profetas se manteve viva em ambiente judaico-cristão: **(i) na literatura:** a história sobre Honi relatado por Flávio Josefo em *Antiquidades Judaicas* (14.22-24) e na *Mishná, Taanit* 3:8; e **(ii) na cultura material:** há um extenso material imagético preservado em catacumbas, sarcófagos e afrescos datados entre os séculos III e IV EC que retratam Jesus e Moisés em atos miraculosos.



FIGURA 1

MOISÉS E O MAR VERMELHO.

AFRESCO DA SINAGOGA DE DURA-EUROPOS, SÉCULO III EC, SÍRIA¹⁰.



FIGURA 2

JESUS E A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO.

AFRESCO CUBICULUM N.º 13 OU "O" DO HYPOGEUM ANONYMUM AD VIAM DINO COMPAGNI,
SÉCULO IV EC. ROMA¹¹.

Observando atentamente as figuras 1 e 2, percebe-se a presença do uso de uma varinha¹² ou cajado para a realização do ato miraculoso. Mas o que isso significa? Dois aspectos devem ser pontuados quanto a essa questão. O primeiro deles é que o recurso de Jesus ou Moisés como magos parecem reforçar a importância de um líder carismático que estava hierarquicamente num patamar mais elevado que os demais por assumir “o papel chave pela intermediação entre o céu e a terra, entre o mundo divino e os infinitos desejos e necessidades de sua comunidade”¹³. O segundo dado é que por meio da sobrevivência dessa memória dos magos profetas tanto em ambientes funerários quanto de culto, conseguimos mapear uma comunidade que estava ansiosa pela obtenção de ações prodigiosas, como a cura de enfermos ou mesmo a garantia de vida eterna.

CONCLUSÃO

Como balanço conclusivo, podemos afirmar que as comunidades judaicas na época de Jesus atribuíram poderes de exorcismo e cura espiritual aos heróis bíblicos do passado, incluindo Noé, Abraão, Moisés e Salomão, e aos profetas Elias e Eliseu. Eles também atribuíram poderes de exorcismo e cura a homens divinos carismáticos, como Jesus, que expulsavam demônios e curavam os doentes sob a opressão do domínio romano. Esse retrato de Jesus é particularmente interessante, pois ele parece ser o mais antigo tanto do ponto de vista da cultura material quanto da literatura e que legitimava Jesus como o messias, ainda que essa capacidade de Jesus o enquadrasse como impuro do ponto de vista da ritualística.

Do ponto de vista dos usos do passado feitos por alguns na contemporaneidade, sobressai os paralelos de certos messias que se reconhecem como tal e não respeitam o isolamento social (abraçando e tocando em outras pessoas) por não acreditarem no discurso científico. Porém, curiosamente ao serem questionados sobre os números de casos afirmam que são incapazes de operar milagres. O que nos força a pergunta: Qual o limite da tensão estabelecida pelo Ocidente, após o advento do Iluminismo, entre razão e milagres para esses indivíduos? Pois tanto a razão quanto a fé parecem ser elementos mutáveis aos seus interesses de perpetuação de poder, em que ora a ciência é passível de dúvidas ora o milagre não pode se fazer mais presente em uma sociedade pós-iluminista.

NOTAS

1. Esse debate pode ser sistematizado em três textos: (i) do pastor Renato Vargens da Igreja Cristã da Aliança (<https://pleno.news/opiniaio/renato-vargens/resposta-aos-que-dizem-que-as-igrejas-estao-com-medo-do-coronavirus.html>); (ii) de Francisco Borba Ribeiro Neto (<https://pt.aleteia.org/2020/03/08/os-cristaos-diante-do-medo-do-coronavirus/>); e (iii) Tânia da Silva Mayer (<https://domtotal.com/noticia/1431543/2020/03/covid-19-e-o-amor-de-deus/>).
2. Destacam-se nessa linha Edir Macedo (<https://www.folhamax.com/curiosidades/edir-macedo-atribui-pandemia-a-satanas/248693>) e Rich Vera (<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/29/o-pastor-americano-que-se-recusa-a-fechar-igreja-e-cumprir-normas-contracovid-19.ghtml>).
3. Bons exemplos dessa leitura teológica foram realizados por católicos (<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-04/solidariedade-coronavirus-caritas-internationalis-osservatore.html>), batistas (http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?NOT_ID=462) e por evangélicos da igreja Maranata (<https://veja.abril.com.br/religiao/igreja-maranata-fecha-as-portas-por-covid-19/>).
4. Covid 19 ou Corona Vírus – “Não tentarás contra o Senhor teu Deus”. *In*: Águas Santas. Igreja Evangélica. Disponível em: <https://igrejaaguassantas.net/covid-19-ou-corona-virus-nao-tentaras-ao-senhor-teu-deus/>. Acesso em: 12 maio 2020.
5. Bryne, 2008, p. 47.
6. Braga, 2015, p. 221.
7. Knight, 2005, p. 125.
8. Orton, 1999, p. 28.
9. Crossan, 1991, p. 177.
10. Fonte: Wikipédia. ©wikicommons. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Dura_Europos_fresco_Jews_cross_Red_Sea.jpg. Acesso em: 14 jun. 2020.
11. Fonte: Wikimedia Commons. ©wikicommons. Disponível em: https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:CatacombViaLatina_Resurrection_of_Lazarus.jpg#mw-jump-to-license. Acesso em: 14 jun. 2020.
12. Sobre o uso da varinha, ver: Chevitarese e Faria Neto, 2020, p. 169-192.
13. Chevitarese, 2016, p. 72.

REFERÊNCIAS**FONTE**

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2010.

DICIONÁRIO

EPIDEMIAS. In: *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 05 maio 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, A. *As Sementes de Cadmo. Autoctonia, Miasma, Nêmesis e o Trágico nas Tragédias do Ciclo Tebano*. Tese de Doutorado em Estudos Clássicos. Departamento de Línguas, Literatura e Culturas da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Março de 2015.

BRYNE, J. *Encyclopedia of Pestilence, Pandemics, and Plagues*, Vol. 1. London: Greenwood Press, 2008.

CHEVITARESE, A. L. *Cristianismos. Questões e Debates Metodológicos*. Rio de Janeiro: Kline, 2016.

CHEVITARESE, A. L. e FARIA NETO, F. A Ressurreição da Filha de Jairo, in: CHEVITARESE, A. L., CAVALCANTI, J. B., e MARIA, T. L. (Orgs.) *Ressurreição. Recepções na Literatura e na Cultura Material Antigas Cristãs*. Rio de Janeiro: Kline, 2020, p. 169-180.

CHEVITARESE, A. L. e FARIA NETO, F. A Ressurreição do Filho Único da Viúva de Naim, in: CHEVITARESE, A. L., CAVALCANTI, J. B., e MARIA, T. L. (Orgs.) *Ressurreição. Recepções na Literatura e na Cultura Material Antigas Cristãs*. Rio de Janeiro: Kline, 2020, p. 181-192.

CROSSAN, J. *O Jesus Histórico: a vida de um judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KNIGHT, J. *Luke's Gospel*. Routledge: London, 2005.

ORTON, D. *The composition of Luke's Gospel*. Boston: Brill, 1999.

A trilogia *Viver e Morrer na Peste* foi pensada como forma de contribuir para a compreensão do momento dramático vivido por toda a humanidade desde a eclosão da pandemia da Covid-19, doença causada pela propagação do vírus SARS-CoV-2. Penso que as Artes e as Humanidades têm muito a dizer e a fazer pensar – fazer ver, ouvir, sentir – sobre as experiências de vida e de morte frente às epidemias que solapam as sociedades desde os primórdios da História.

Neste contexto, a coletânea *Viver e Morrer na Peste*, com seus três volumes, oferece múltiplas perspectivas, no horizonte das Artes e Humanidades, para se pensar a experiência humana de enfrentamento das epidemias e seus vetores. Acreditamos que o leitor encontrará textos informativos e formativos, com dados necessários e interessantes, com reflexões contemporâneas, úteis para estudantes e professores, do ensino básico e universitário, para pesquisadores, para profissionais da imprensa e agentes públicos, assim como para o público em geral, público mais do que nunca ansioso por conhecer sobre como o ser humano age ao longo da História para compreender e enfrentar as pandemias.

FÁBIO VERGARA CERQUEIRA
(COORDENADOR DA COLEÇÃO)

APOIO



Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e
Patrimônio Cultural
PPGMP ICH



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES UFPel



PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA - UFPel



Editora
UFPel